

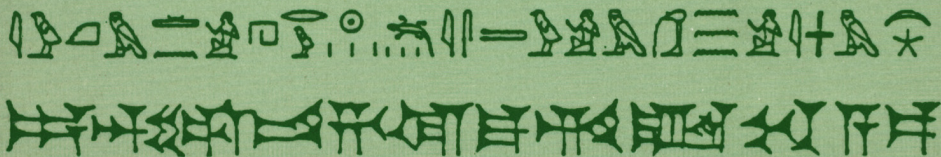
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

3



E D I Ç Õ E S
C O S M O S



A génese da historiografia documentada é localizada na corte de Utu-Hegal de Uruk, nos finais do III milénio, à raiz da III dinastia de Ur. A análise da diacronia historiográfica posterior à intervenção vitoriosa de Utu-Hegal ofereceu nova oportunidade de considerar a grande movimentação historiográfica que se processou em torno ao aparecimento da «crónica da dinastia una».

A terceira parte do livro são os documentos propriamente ditos: cinquenta e dois textos historiográficos organizados segundo certos critérios de lugar, tempo e relacionamentos historiográficos. As crónicas reais convergem para a «crónica da monarquia una» e são consideradas como sua continuação ou reflexo. Este conjunto historiográfico representa o final do III milénio e os inícios do II. Depois da crónica local do templo de Tummal, vêm as crónicas assírias, as epónimas e as reais, a crónica sincrónica e as crónicas reais, representando a segunda metade de II milénio. Representando teórica e materialmente o I milénio, vêm os vinte documentos que representam a cronografia coeva das épocas neobabilónica, persa e selúcida. Novas crónicas babilónicas sobre os reis de antanho vêm na secção final, por serem cópias recentes de textos que podem ser em parte mais antigos. Cinco documentos finais são apresentados como hipotéticos, por deixarem algumas dúvidas quanto à classificação no género das cronografias.

As introduções tinham já antecipado comentários a vários aspectos destes documentos. Mas ali foram tratadas dimensões mais estruturais. O conteúdo material histórico destes documentos ficaria, sem dúvida, bastante mais aproveitável com comentários concretos aos dados de cada um deles. As notas a esta parte quase só dão variantes textuais. Nas crónicas epónimas assírias, aqui definidas como «uma ajuda preciosa para reconstituir este passado longínquo da humanidade» (p. 12), haveria que explicitar tudo o que levam de implícito e referem apenas rotul arm ente.

José Augusto Ramos

JEAN BOTTERO, *L'Épopée de Gilgameà. Le grand homme qui ne voulait pas mourir*, Gallimard, Paris, 1992, 295 pp. ISBN 2-07-0722583-9.

Jean Bottéro oferece-nos aqui a epopeia de Gilgameè numa tradução francesa destinada ao grande público e não directamente aos especialistas da cultura mesopotâmica. Daí o modo acessível e as ajudas

pedagógicas para uma fácil e correcta leitura e a afectuosa e terna envolvência que o seu discurso gera entre o terreno cultural nativo da epopeia e o nosso próprio horizonte e conteúdos culturais. A sensação de que aquela é a nossa própria história é, afinal, uma característica insistência, que o Autor nos dirige frequentemente, em vários dos seus trabalhos de síntese, nos domínios da assiriologia, sobretudo cultural.

Depois de uma muito breve bibliografia, para permitir ao leitor «simplesmente curioso em alargar algo mais a sua visão da *Epopéia* e do mundo no qual ela se enraizou» (p. 14), é-nos dada na introdução uma síntese de erudição essencial para a leitura desta epopeia. É a sua localização no tempo histórico e cultural, a sua génese na cultura mesopotâmica e a formação da figura de Gilgameè; é sobretudo o eclodir e a longa e variada evolução da fisionomia da personagem central e a significativa multiplicidade de textos em que ela se traduz: as embrionárias formas literárias do herói na época suméria, a definição das suas formas épicas, a partir do séc. XVIII, a. C., e progressivamente, durante mais de um milénio. Os principais testemunhos epigráficos da versão antiga ou babilónica, hoje conhecidos, permitem, apesar das dificuldades, focar o que poderá ter constituído o estado original desta epopeia. Mais ainda, o essencial do conteúdo conhece, já na Antiguidade, grande variedade de tratamentos, tanto na Mesopotâmia como no estrangeiro (em Meguido, Canaã, e entre os Hurritas e Hititas). Mas, apesar da grande antiguidade do tema e das suas múltiplas versões literárias, para a história ficou mais representativa a versão ninivita, proveniente da biblioteca de Assurbanípal, e que poderá entender-se como obra de um «revisor» ou «editor» com algo também de autor, situado no final do II milénio. Esta edição ninivita vai só até ao final da 11.^a tabuinha, perfazendo aproximadamente 3000 versos. A 12.^a tabuinha é considerada um acrescento que tem por base algumas tradições sumérias sobre Gilgameà e Enkidu, mas que resultam incoerentes relativamente aos dados essenciais da própria epopeia, desde as suas mais antigas versões conhecidas.

A tradução dada mantém o carácter poético do texto original. E é interessante verificar como o aspecto rítmico-poético parece ter sido explicitamente consignado na própria epigrafia, uma vez que cada uma das onze tabuinhas estava rigorosamente subdividida em seis colunas, com um total de aproximadamente trezentos versos e cada verso correspondia a uma linha epigráfica. Isto significa que o ritmo poético era um aspecto de estilística de que o autor da epigrafia estava consciente. E esta correspondência material epigráfica do ritmo poético

nem sempre acontece nas escritas poéticas do Próximo Oriente antigo. Verificando que estas divisões epigráficas representam uma verdadeira estruturação literária, J. Bottéro divide a sua tradução da epopeia em capítulos exactamente coincidentes com a sucessão das onze (doze) tabuinhas.

O modelo de tradução adoptado pretendeu libertar a expressão poética de um excessivo idiotismo literal, que, segundo o Autor, resultaria demasiado opaco para «os leitores ingénuos», nos quais sempre pensou. Neste sentido, as medidas foram sistematicamente adaptadas ao nosso sistema métrico. Tomando como base uma característica de pensamento e de escrita poéticos comum às literaturas orientais semíticas, o Autor detecta uma subdivisão de cada verso/linha em dois hemistiquios. E é isso que ele exprime na tradução, dividindo sistematicamente a linha de texto acádico em duas (ou mais) de texto francês, justificando-o com a razão referida. A analogia de que se socorre é transparente em alguns salmos e é mais marcante ainda na poesia de Ugarit, onde chega a ter o carácter de fórmulas quase fixas. Mas, a dizer verdade, nem a poética da epopeia de Gilgameà parece tão marcada pela característica do paralelismo e nem sempre a subdivisão do verso acádico em duas linhas de tradução francesa parece ter como base evidente a detecção de dois hemistiquios claros. Daí que outras traduções francesas, tais como a de René Labat (*Les religions du Proche Orient*, Paris, 1970, p. 149 ss.) e a de Florence Malbran-
-Labat (*Gilgamesh*, Paris, 1982), exprimam a tradução do verso acádico de Gilgameè sempre em linha inteira.

E, quanto a evitar a opacidade do literalismo, parece que alguma maior proximidade ao literal, sensatamente administrada, poderia ser literariamente mais correcta e produtiva.

Para além do texto mais íntegro, o de Nínive, o Autor apresenta-nos o texto das outras versões, no final da obra.

Dado que a introdução trata sobretudo de questões técnicas, sente-se a falta de uma deixa sintética do Autor relativamente aos sentidos da epopeia. O pequeno epílogo resulta frustrantemente insuficiente, neste sentido.

Não obstante o que aqui fica dito, trata-se de uma obra que nos faculta um interessante e importante acesso à mais célebre epopeia da Mesopotâmia, quase a sua «epopeia nacional» (p. 294). Jean Bottéro deu-nos uma muito útil tradução do(s) texto(s) da epopeia, mas foi pena ter-se coibido tanto do comentário, o qual, para textos dotados deste alcance e situados a esta distância histórica e cultural nos prestaria um grande serviço, tanto mais que Bottéro nunca deixou de pensar

nos «ingênuos», como ele diz, e tanto mais ainda que a apresentação desta tradução foi precedida de quatro anos de cursos sobre este mesmo tema nas conferências/seminário da École Pratique des Hautes Études (Sorbonne).

José Augusto Ramos

JEAN VERCOUTTER, *A la Recherche de l'Égypte Oubliée*, Col. Découvertes Gallimard, Archéologie, Éd. Gallimard, Paris, 1986, 224 pp.
ISBN 2-07-053028-0

Do eminente e experiente Jean Vercoutter não se esperaria outra coisa: uma obra bem idealizada e melhor conseguida, com excelente texto e um manancial de belas ilustrações, colocada ao dispor de um vasto público desejoso de conhecer o legado da civilização faraônica e, além disso (porque uma viagem ao Egito não estará ao alcance de todos), ansioso por percorrer mentalmente o vale do Nilo onde tal civilização frutificou.

Não sendo, objectivamente, destinada a especialistas na matéria (mas até estes poderão tirar algum proveito da sua consulta), a obra do egiptólogo de Lille dá a conhecer, em agradável leitura, os grandes momentos das descobertas arqueológicas no Egito e os nomes que ficaram para sempre ligados aos mais espectaculares achados: Mariette, Maspero, Carter, Montet...

O primeiro capítulo apresenta-nos «La disparition de l'Égypte des Pharaons» (pp. 13-17), evocando os deploráveis acontecimentos que foram a destruição da biblioteca de Alexandria (consta que lá se encontravam setecentos mil volumes) e do templo de Serápis na mesma cidade, perdendo-se em qualquer dos edifícios preciosos textos que poderiam esclarecer as lacunas que hoje subsistem acerca da história do Egito faraónico. Felizmente que outras fontes continuaram disponíveis, sendo a Bíblia uma delas, como o Autor bem menciona.

O capítulo II («Les voyageurs de l'Antiquité», pp. 19-27) recorda a jornada e os textos de Heródoto, «o viajante por excelência», seguido depois por Diodoro da Sicília, Estrabão (muito interessado pelo culto dos animais) e Plutarco (que nos legou a sua versão do mito de Osiris e Ísis, inspirado pelo texto de Manetor, então conservado numa cópia ptolemaica). Também os imperadores romanos Adriano e Sétimo Severo se incluem na lista dos ilustres viajantes do país do Nilo, antecidos pelo aristocrata Germânico, membro da família imperial na época de Tibério (século I da nossa era).